

Dossiê: Conferência de Medellín: 50 anos – Artigo Original



DOI – 10.5752/P.2175-5841.2018v16n50p454

O CELAM e a recepção emergente da “Teologia da Ponte” do Papa Francisco: de Marcos Gregório McGrath à Igreja latino-americana hoje

CELAM and the emerging reception of the “Bridge Theology” of Pope Francis: from Marcos Gregorio Mcgrath to the Latin American church today

Robert S. Pelton, C.S.C.*

Resumo

O Concílio Vaticano II possui um significado especial na América Latina, o que se justifica especialmente por causa da influência do documento *Gaudium et Spes* (A Igreja no Mundo Moderno). Isso aconteceu na Conferência de Medellín (1968), quando o Bispo Marcos Gregorio McGrath, CSC, apontou essa influência através de seu discurso “Os Sinais dos Tempos”. Ele estava preparado para esse momento em função de seu treinamento teológico anterior na Europa e de sua pastoral missionária, especialmente no Chile e no Panamá. Foi sua atuação anterior na Ação Católica, entre jovens leigos, que o conduziu à *teologia da ponte* e que, por sua vez, seria estimulada posteriormente pelo Papa Francisco.

Palavras-chave: Teologia da Ponte; Leigos; Concílio Vaticano II; CELAM; McGrath, C.S.C.

Abstract

The Second Vatican Council has a special significance in Latin America. This is especially true due to the influence of the document *Gaudium et Spes* (The Church in the Modern World). This took place at the Medellín Conference (1968) when Bishop Marcus Gregorio McGrath, C.S.C., pointed to this influence through his keynote address “The Signs of the Times.” He was prepared for this moment through his earlier theological training in Europe and his pastoral missions, especially in Chile and Panama. It was his earlier practice of Catholic Action among young lay persons that led him into the “bridge theology” that was to be promoted further by Pope Francis.

Keywords: Bridge Theology; Laity; Vatican Council II; CELAM; McGrath, C.S.C.

Artigo traduzido por José Martins dos Santos Neto.

Artigo recebido em 05 de junho de 2018 e aprovado em 28 de julho de 2018.

* Diretor Emérito do Instituto para a Vida da Igreja (*Institute for Church Life*). Doutor em Teologia Sagrada pela Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino, em Roma. Professor emérito de Teologia pelo Departamento de Teologia de Notre Dame, além de servir a esse mesmo Departamento na condição de Presidente. Coordenou o Projeto de Pesquisa da Conferência dos EUA sobre as Igrejas da América e participou, como jornalista, das Conferências do Episcopado Latino-Americano (CELAM) em Puebla, Santo Domingo e Aparecida. Autor de inúmeros livros e artigos em periódicos e do documentário premiado *Monseñor: The Last Journey of Latin America* (“Monsenhor: A última jornada da América Latina”), Pe. Pelton continua a escrever extensivamente a respeito das grandes Conferências Latino-Americanas, sobre Dom Oscar Romero e sobre o tema da Teologia da Libertação. País de origem: Estados Unidos. E-mail: rpelton@nd.edu

Introdução

Não raro surge uma oposição entre teologia e ministério pastoral, como se fossem duas realidades opostas e separadas que nada teriam a ver uma com a outra. É gerada uma falsa oposição entre o ministério teológico e o pastoral, entre a reflexão cristã e a vida cristã. (Papa Francisco, 2015).¹

Em 2013, Jorge Maria Bergoglio, um padre jesuíta argentino, após renúncia do papa Bento XVI, tornou-se o primeiro papa da história a escolher o nome de Francisco. Além do mais ele é também o primeiro papa jesuíta.

O Papa Francisco surpreendeu o mundo ao mostrar uma autêntica e ousada renovação do papado e do que significa ser um papa. Um elemento muito importante nesse processo é a teoria subjacente às suas ações. Este elemento da teologia do Papa Francisco por enquanto não tem recebido a devida atenção dos analistas do Vaticano nem tampouco dos acadêmicos com foco de pesquisa no catolicismo romano contemporâneo.

Neste artigo, além de apresentar minhas memórias pessoais, eu gostaria de propor a ideia da “teologia da ponte” como um conceito chave para entender as ações do Papa Francisco.² Segundo Rafael Luciani (2017), a “teologia da ponte” enfatiza o diálogo em contraste com o debate sobre as questões, o que pode ser adequado para construir pontes de entendimento no lugar de muros de separação. Essa “teologia do povo” enfatiza que a realidade vivida pelo povo está presente na metodologia do “ver-julgar-agir”. Esse sentido da realidade dessa metodologia será enfatizado neste artigo.

Este artigo fornece um exemplo de como as experiências regionais do CELAM podem levar a estilos crescentes de colegialidade efetiva. Em Medellín, o discurso de abertura do Bispo Marcos McGrath, CSC, “Os Sinais dos Tempos”, deu um forte impulso a esse desenvolvimento na América Latina.

¹ Parte de um discurso em vídeo na Conferência Teológica Internacional de Buenos Aires (1 a 5 de setembro de 2015), realizada por ocasião do centésimo aniversário da fundação da Faculdade de Teologia em Buenos Aires. O quinquagésimo aniversário do Concílio Vaticano II também teve lugar nesta assembleia.

² Um aprofundamento sobre o pensamento social e político do Papa Francisco é dado por Thomas R. Rourke (2016).

1 Memórias de Medellín

Em 2018, celebra-se o 50º aniversário da Conferência do CELAM (Conferência Episcopal da América Latina) de Medellín. O tema da “recepção” - pelas Américas do Norte, Central e do Sul – tem assumido maior relevância. Tudo começou com o pedido do papa João XXIII para ajudar a amenizar a carência de clero na América Latina durante o início dos anos 1960. Falando em nome da Pontifícia Comissão para a América Latina na Universidade de Notre Dame, em agosto de 1961, monsenhor Agostino Casaroli requisitou que por cento dos religiosos servissem na América Latina (HURTEAU, 2013).

Embora esse pedido de ajuda na América Latina tenha ocorrido em Notre Dame, a resposta veio de lugares diversos. Neste artigo, daremos atenção primordial às respostas de dois religiosos da Congregação da Santa Cruz: o Arcebispo Marcos Gregorio McGrath e eu, Padre Robert Pelton. Nós fomos colegas de sala durante toda a nossa formação religiosa e nossos estudos de pós-graduação em Roma nos anos de 1953-1954.

Particularmente durante os últimos cinco anos de sua vida, o Arcebispo McGrath e eu mantivemos um forte vínculo pessoal e pastoral como companheiros na Congregação da Santa Cruz. Meu provincial pediu naquela ocasião que eu visitasse o arcebispo McGrath em intervalos regulares para lhe dar apoio. Para mim, isso foi uma honra e continuei a aprender muito sobre seu compromisso com o papel dos leigos numa Igreja pós-conciliar.

Havia uma semelhança próxima em nossas origens da Universidade de Notre Dame e da Congregação da Santa Cruz. Éramos estudantes leigos em Notre Dame. Comecei meus estudos em 1939, com Mark seguindo em 1941. Nós sofremos forte influência de dois mentores da Congregação da Santa Cruz, padre Louis Putz e padre William Cunningham.

2 Graduação em Notre Dame

Um dos aspectos mais interessantes da universidade dizia respeito às aulas de religião ministradas pelo padre Louis Putz que veio da Alemanha e vivia na França há anos. Ele acreditava firmemente no cânone da “confluência entre a oração e a ação” de Cardijn. O cardeal Joseph Cardijn foi o fundador da Juventude Operária Católica na Bélgica e o criador do método ver-julgar-agir conhecido como Método Jocista. Padre Putz esteve no início da *Nouvelle Theologie* da França que fomentava uma crescente consciência do papel dos leigos católicos na Igreja. De especial interesse foi o padre Yves Congar (1953; 1957), que mais tarde se tornaria o principal eclesiologista do Vaticano II, dando atenção especial aos leigos.

Bernie Bauer e sua esposa Helene iniciaram o movimento cristão de jovens estudantes intitulado American Young Christian Students no ano de 1940. Foi nessa época que Mark e eu começamos nosso envolvimento no YCS.

Desde o início de seu relacionamento, o padre Putz mostrou um interesse especial pelo jovem Mark McGrath. Com boas razões, ele viu em Mark um forte potencial para futuras lideranças eclesiais. Padre Putz acreditava que Mark tinha captado o rosto de Jesus Cristo nas pessoas pobres e sofredoras da América Latina, assim como ele (Padre Putz) tinha visto Jesus nos rostos dos pobres nas favelas de Paris.

Marcos e eu entramos no noviciado da congregação em 1943 e nos formamos em Notre Dame em 1945. Estudamos teologia no Holy Cross College em Washington, DC, e fomos ordenados em 1949.

3 Estudos de Pós-graduação

Fui enviado a Roma em 1950, a bordo do *Ile de France*, para fazer minha licenciatura e doutorado. Em Paris, juntei-me ao meu bom amigo e colega de classe, padre Mark McGrath. Mark teve um ano frutífero na França, onde entrou

em contato próximo com os novos pensadores do norte da Europa, particularmente no Instituto Católico em Paris. Mais tarde, em sua vida, Mark recordou os desafios que encontrou ao fazer sua pós-graduação:

Foi somente depois de me ver totalmente imerso em Paris e depois em Roma, neste trabalho muito exigente que consumiu quatro anos e meio - de estudos, pesquisa e preparação para a dissertação - que eu entendi a seriedade da questão.³ Aprendi as técnicas de pesquisa, mas, mais importante ainda, desenvolvi um método e o rigor necessário para a reflexão teológica, que seria mais tarde um presente precioso para mim (...). Tive a oportunidade de entrar em contato com grandes pensadores e correntes teológicas da Europa (Congar, Lubac, Rahner, Guardini, e os movimentos bíblicos e litúrgicos), e também com os movimentos filosóficos (personalismo, humanismo cristão) que floresciam na época e que lançou as bases para o Concílio Vaticano II. (MCGRATH, 1994).⁴

Depois da reunião em Roma fomos para a Casa da Santa Cruz na Via Aldrovandi. Lá experienciamos uma multiplicidade de idiomas: o italiano era a língua do país, o francês era o idioma da casa, as aulas eram ministradas em latim e se exigia que os alunos da pós-graduação conhecessem o Hebraico. Mesmo nunca tendo estado na Europa antes, eu me sentia à vontade com o povo italiano. Não é de se surpreender que Mark tenha sido muito diligente em seu trabalho, aproveitando bem as muitas oportunidades de Roma. Aproveitei o tempo para interiorizar muitos escritos, especialmente a *Summa* Teológica de São Tomás de Aquino. Passei a conhecer e a respeitar os dominicanos, particularmente o Padre Paul Philippe, O.P., que orientou minha tese de doutorado. Mais tarde ele viria a se tornar cardeal.

No início do ano acadêmico de 1951, era preciso encontrar um espaço extra para os seminaristas da Santa Cruz; precisamos então, mudar para o Collegio dell'Anima, uma residência para padres alemães que oferecia alojamento e alimentação a não-alemães. Mark e eu éramos os únicos padres dos Estados Unidos. Vários padres alemães haviam sido prisioneiros de guerra nos Estados

³ Essa foi uma resposta à pergunta de seu superior sobre se ele poderia passar muitas horas em uma cadeia.

⁴ Arcebispo McGrath, ao receber as honras do prefeito da cidade do Panamá em 25 de fevereiro de 1994.

Unidos durante a recente Segunda Guerra Mundial. Muitos deles se viriam se tornar bispos ao retornarem ao seu país.

O programa de estudos para nossos licenciados foi principalmente um estudo aprofundado da Summa Theologica de São Tomás de Aquino, bastante significativo pra mim, além de ser uma oportunidade ímpar para traduzir seus princípios em prática diária em meus futuros ministérios.

Os superiores acadêmicos da Notre Dame solicitaram que eu concluísse meus estudos no outono de 1953. Mark teve mais tempo, e isso foi muito útil para o trabalho que ele viria assumir mais tarde. Desse modo ele se preparava para maiores responsabilidades na Igreja. E estaria pronto para as mesmas.

Obtivemos nossos títulos de licenciatura em teologia na primavera de 1951. O foco do meu estudo de doutorado foi o laicato na Igreja. Escolhi como meu tema de tese: “Uma concepção tomista da espiritualidade do estudante leigo da Universidade Católica”. Esta dissertação seria publicada posteriormente em forma de livro. Yves Congar, Paul Philippe e Garrigou La Grange foram as minhas principais influências.

Finalizei minha tese de doutorado no outono de 1953 e a defendi em 17 de dezembro de 1953. Recebi meu diploma de doutorado e no mesmo dia tive uma audiência particular com o papa Pio XII. Aquela foi minha quarta audiência com o Santo Padre.

A dissertação doutoral de Mark, intitulada “O Concílio Vaticano I e a Evolução do Dogma”, foi aprovada com a distinção magna *cum laude*. Não é de surpreender que, logo depois de sua pós-graduação, tenha sido designado para uma missão da Congregação da Santa Cruz no Chile. Eu fui convidado para lecionar na Universidade de Notre Dame.

4 McGrath: De Roma ao Chile

Estou familiarizado com o Chile desde que eu cheguei a esta terra em setembro de 1939. Trabalhei como padre desde abril de 1953. Sinto-me chileno. Por estas razões pessoais e pastorais, é com tristeza que deixo o Chile. Deixo meu trabalho como reitor da Faculdade de Teologia da Universidade Católica, com muitos projetos iniciados recentemente. Espero que não faltem mãos para realizá-los. Deixo minha posição consultiva no projeto de ação social de São Jorge após sete anos, confiando no interesse dos padres do *Saint George College* neste trabalho e nas capacidades do novo conselheiro. (MCGRATH, 1961).⁵

Aquele que estava determinado a “trilhar o caminho da vontade de Deus” era pressionado a romper laços de amizades íntimas e de trabalho pastoral rico e fértil. Desde os primeiros dias do sacerdócio de Mark no Chile, sua mente estava trabalhando com inúmeros projetos. Apesar de algumas ansiedades, ele iniciou um apostolado ativo e crescente que o preparou bem para suas futuras responsabilidades: três anos de serviço como reitor do seminário de sua congregação; professor e prefeito de religião no Saint George's College; fundador da Ação Social de São Jorge; sete anos como professor de teologia na Universidade Católica do Chile, incluindo três anos como decano da Faculdade de Teologia; e fundador e editor da revista *Theology and Life*.

Quando o padre McGrath retornou ao Panamá em 1961, foi nomeado bispo auxiliar da arquidiocese do Panamá, permanecendo lá por dois anos até ser nomeado como Ordinário local de Santiago de Veraguas. Em 1969 ele retornou ao Panamá como arcebispo.

5 McGrath: sua experiência no Concílio Vaticano II

Ter vivido profundamente, e de perto, o Concílio Vaticano II, foi um enorme privilégio. Também foi um privilégio ter experimentado, de perto, todos os tipos de reuniões no Vaticano e fóruns internacionais, especialmente ao nível da América Latina, como em Medellín em 1968 e Puebla, em 1979. [...] Os bispos que participaram do Concílio são

⁵ Fr. McGrath na véspera de seu retorno ao Panamá em outubro de 1961.

chamados de “Padres do Concílio”. Sou um padre do Concílio; mas como bispo, também seu filho. (MCGRATH, 1986).⁶

No ano de 1959, o Papa João XXIII anunciou três mudanças: um Sínodo da Diocese de Roma, a reforma do Código de Direito Canônico e um futuro Concílio Ecumênico. Para este último fim, ele instaurou uma comissão preparatória encarregada de reunir sugestões para tópicos que o Conselho deveria discutir.

Chegou à Pontifícia Universidade Católica de Santiago uma carta. Na Faculdade de Teologia, diante de um grupo de professores, Dean McGrath leu esta carta, mas não havia grande interesse ou entusiasmo, devido ao sentimento geral de que Roma não levaria em conta a contribuição de uma igreja situada no canto mais distante do continente.

Quem entre nós teria pensado, naquela época, que quatro anos depois, em uma reunião da Comissão sobre a Doutrina da Fé no Concílio Vaticano II, dois membros daquela amistosa reunião de professores estariam presentes - um como membro e o outro como perito - e que um texto do Conselho dos Bispos Chilenos seria apresentado como base para o novo plano para a igreja, preparado em grande parte pelos professores daquele amado departamento. . . e que partes desse texto viriam a ser elementos preciosos da futura Constituição dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*? (MCGRATH, 1976).

Pouco tempo depois de ter sido nomeado bispo auxiliar da Cidade do Panamá (outubro de 1961), o bispo McGrath começou os preparativos para sua viagem a Roma, onde participaria do Vaticano II. No Concílio, a participação era opcional para os bispos auxiliares. O Bispo McGrath havia originalmente se recusado a comparecer porque não tinha recursos financeiros para custear a viagem. O vigário geral da época, monsenhor Félix Alvarado Cucalón, sensibilizou-se pela situação e os Cavaleiros de Colombo assumiram as despesas.

No início da primeira sessão, o Bispo McGrath foi eleito para um cargo no Comitê de Doutrina de Concílio; ele era um dos três prelados latino-americanos eleitos para esse órgão, uma responsabilidade que significava viajar a Roma a cada

⁶ Arcebispo McGrath, em um jantar de angariação de fundos para o seminário panamenho em 1986.

três meses ao longo dos anos do Concílio (1962-1965). Ao passo que o jovem bispo contribuía com sua formação teológica, o Concílio também moldava seu próprio pensamento e ação pastoral.⁷

Nos últimos anos, o Arcebispo McGrath tem mencionado o Concílio como um tema do qual se recorda com muito carinho. Para ele, o Concílio foi um marco na vida da Igreja. Segundo McGrath, o período mais crítico do Concílio foi a primeira etapa (de 8 de outubro a 11 de dezembro de 1961):

Esses foram provavelmente os dois meses mais decisivos para a Igreja Católica nos tempos modernos. Foi a encruzilhada histórica em que esta Igreja, desde os seus mais altos funcionários, se preparou para encerrar quatro séculos de Contrarreforma, entrando definitivamente na era da “Igreja no Mundo Moderno”. (MCGRATH, 1976).

Nos procedimentos do Vaticano II, suas intervenções são prontamente observáveis: em *Sobre a Sagrada Liturgia (De Sacra Liturgia)*, 27 de novembro de 1962; *Sobre a Igreja*, capítulo sobre os leigos, 22 de outubro de 1962; *Sobre o apostolado dos leigos (De Apostolorum Laicorum)*, outubro de 1964; *Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Moderno (De Ecclesia in Mundo Hujus Temporis)*, 10 de novembro de 1964; *Sobre a Educação Cristã (De Educatione Christiana)*, 19 de novembro de 1964; *Decreto sobre a atividade missionária da Igreja (De Activitate Missionali Ecclesiae)*, 11 de outubro de 1965.

Enquanto o Concílio prosseguia, McGrath tornava-se seu fervoroso apóstolo, dando palestras para bispos, sacerdotes e leigos nos Estados Unidos, em vários países europeus e na América Latina, inclusive no Panamá; primeiramente na arquidiocese como bispo auxiliar, e depois em Veraguas como bispo da diocese de Santiago. Ele exemplificou e enfatizou a energia do Concílio e sua dupla ação: retornar às fontes (a *Igreja ad intra*) e alcançar o mundo (a *Igreja ad extra*).

⁷ Uma cópia de “O Pacto das Catacumbas”, um acordo feito por bispos no Concílio Vaticano II sobre como eles gostariam de viver sua liderança pastoral, pode ser encontrado na coleção Pelton na Biblioteca do Seminário Moreau, Notre Dame, IN.

Sua contribuição ao Vaticano em várias funções de responsabilidade (Secretário para Não-Crentes, Consultor do Comitê dos Leigos, membro do Comitê Permanente do Sínodo, membro do Pontifício Conselho para a União de Todos os Cristãos) constituiu um poderoso testemunho da igreja no século XX. De impacto teológico semelhante foi o seu contributo na Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos, em outubro de 1969, cuja tarefa foi a de apresentar os fundamentos teológicos das conferências episcopais.

No contexto da América Latina, sua determinação em trazer os objetivos do Concílio para a realidade concreta foi exposta no *Encontro Viamao no Brasil*, no alvorecer da era conciliar (1964); na Assembleia Extraordinária da Conferência dos Bispos Latino-Americanos (CELAM), em Mar del Plata, na Argentina, cujo tema, “A Igreja no Desenvolvimento e Integração da América Latina”, ele antecipou um tema muitas vezes em discussão nesses países; salienta-se também os serviços que prestou à Conferência dos Bispos Latino-Americanos entre 1963 e 1972, incluindo seu serviço nos cargos de secretário geral e segundo vice-presidente.

Nas conferências históricas de Medellín (1968) e Puebla (1979), sua participação foi influente e decisiva. Em Medellín, ele proferiu o discurso principal, “Os sinais dos tempos na América Latina”. Em Puebla, ele foi nomeado presidente do Comitê Central de Coordenação e da Comissão Conjunta, cujos esforços resultaram em um documento notável por sua profundidade e sólida base teológica e pastoral. Suas contribuições foram amplamente reconhecidas pelos bispos latino-americanos.

Firmemente convencido do valor do Secretariado dos Bispos Centro-americanos (SEDAC), ele emprestou a este organismo seu apoio e orientação teológica e pastoral. A SEDAC deve, a sua iniciativa, a Comissão de Reflexão Teológica, na qual participam teólogos e pastores da região.

Esses esforços em prol da vida da igreja lhe renderam reconhecimento de várias universidades norte-americanas, assim como da Universidade de Louvain,

onde em 1970 ele recebeu o título Doctor Honoris Causa em teologia e proferiu uma palestra intitulada “Teologia Viva na América Latina”.

Os anos de intervenção provaram, de forma decisiva, estar errada a previsão feita pelo padre Henry, S.J., um conhecido teólogo belga em palestra no Chile no ano de 1961. O visitante disse ao padre McGrath após sua designação como bispo, que seus dias de reflexão teológica haviam terminado. Os anos conciliares e pós-conciliares, Medellín e Puebla, bem como seu serviço iniciado em 1981 como presidente da Comissão de Reflexão Teológica da Conferência dos Bispos panamenhos, foram anos de intensa atividade teológica. Mais importante, eles viram a tradução da teologia conciliar em ação pastoral e vida cotidiana. Em 1986, no vigésimo quinto aniversário da ordenação de McGrath como bispo, o bispo Oscar Brown observou: “Nos últimos vinte e cinco anos, a igreja no Panamá encontrou em monsenhor McGrath um pastor movido pelo próprio espírito do Concílio”.

O próprio arcebispo McGrath refletiu sobre esta ocasião:

O grande trabalho da minha vida tem sido guiar nossa Igreja no Panamá na renovação conciliar. Minha maior satisfação tem sido aprender, testemunhar e viver essa renovação com todos vocês. Estamos muito longe do nosso objetivo. As amplas consequências e potencialidades do Concílio se manifestarão com o alvorecer e o trabalho de gerações ainda não nascidas. Mas a Igreja no Panamá, graças a tantas pessoas, representada por você [...] está em movimento: movimento conciliar, evangélico e pastoral. (MCGRATH, 1976).

6 Medellín (1968): O Primeiro Conselho da Igreja de Jerusalém para a Igreja Latino-Americana

A Conferência Episcopal da América Latina (CELAM) foi formada como resultado de uma conferência de bispos latino-americanos que ocorreu no Rio de Janeiro, Brasil, em 1955.

A segunda Conferência do CELAM, em Medellín, Colômbia, em 1968, foi seu primeiro encontro oficial desde o Concílio Vaticano II, concluído em 1965. A Conferência do CELAM em Medellín foi percebida como algo sensacional, pelo mérito de trazer a antiga Igreja para o mundo moderno. Buscou alcançar esse alvo através da sua ênfase no apelo à paz e à dimensão social da justiça. Devido ao tempo limitado desde o Concílio, a preparação não foi tão completa quanto à das reuniões posteriores do CELAM.

A metodologia de Medellín consistiu em ter um texto preparado que foi revisado e alterado na sessão de discussão. Isso levou a dezesseis conclusões, que incluíram a promoção humana, a evangelização e a promoção de pequenas comunidades. Medellín era vista como "pentecostal" em certo sentido, no chamado aos cristãos leigos para entrarem em uma sociedade cada vez mais secular. Como foi o caso do Concílio Vaticano II, os métodos modernos de comunicação ainda estavam para ser realmente desenvolvidos em reuniões internacionais. No entanto, um Pentecostes moderno havia começado, e isso se deu através do chamado à ação ouvido no discurso inicial "Os Sinais dos Tempos na América Latina", proferido pelo Bispo Marcos Gregorio McGrath, CSC, bispo de Santiago de Veraguas e segundo vice-presidente do CELAM. Nesse discurso, ele lidou com a rapidez da mudança, com o crescente secularismo e a globalização econômica.⁸ Sua fonte primária para este discurso foi padre M.-D. Chenu, O.P.

O bispo McGrath havia passado um ano anterior, logo após a ordenação, em 1949, em Paris, na França. Lá ele conheceu os novos elementos eclesiais - o bíblico, litúrgico e patrístico - e também a necessidade de estudar mais cuidadosamente as raízes históricas dessas contribuições. Naquela época, ele se familiarizou com o padre Chenu e outros dominicanos franceses na França.

⁸ Esses três subtemas poderiam ser aplicados tanto à Igreja do Chile quanto às outras Igrejas latino-americanas.

7 Puebla (1979): Um avanço modesto

O encontro dos bispos latino-americanos em Puebla, no México, que aconteceu de 27 de janeiro a 12 de fevereiro de 1979, foi o terceiro encontro continental.⁹ O primeiro, como mencionado acima, ocorreu no Rio de Janeiro, Brasil, em 1955. O segundo, realizado em 1968, em Medellín, Colômbia, foi uma resposta dos bispos latino-americanos às diretrizes do Concílio Vaticano II. Finalmente, o encontro de Puebla foi um esforço para refletir sobre a experiência vivida dos dez anos depois de Medellín, durante a qual os grupos de cristãos de base aumentaram significativamente. A reunião no México significou também uma oportunidade para os católicos mexicanos manifestarem sua lealdade contínua à Igreja durante os muitos anos de problemas e perseguição.

O tema em Puebla, “Evangelização Hoje e Amanhã na América Latina”, teve sua origem no Concílio Vaticano II, particularmente nos documentos sobre a Igreja (*Lumen Gentium*), a Igreja no mundo moderno (*Gaudium et Spes*), e missões (*Ad Gentes*). No Sínodo dos Bispos de 1974, em Roma, o tema também era evangelização, e em 1975 o Papa Paulo VI o sintetizou e acrescentou suas próprias idéias em *Evangelii Nuntiandi*. Neste documento, o Santo Padre sublinhou que a evangelização inclui não apenas uma resposta pessoal à graça do Senhor, mas também implica um aprofundamento da consciência da necessidade de mudanças sociais.

Assim que a Conferência de Puebla foi aberta, os participantes do episcopado poderiam ser categorizados em três grupos: (1) aqueles que tinham interiorizado os acordos de Medellín; (2) aqueles que desconfiavam de Medellín; e (3) aqueles que estavam entre as duas posições anteriores, isto é, que subscreviam em teoria alguns aspectos dos documentos de Medellín, mas ao mesmo tempo se sentiam desconfortáveis com outras partes dos documentos.

⁹ John Eagleson and Philip Scharper dão mais informações sobre o encontro de Puebla (EAGLESON; SCHARPER, 1979).

João Paulo II participou da reunião em Puebla e sua presença foi positiva e pastoral. Não tem sido fácil interpretar sua influência nesse determinado momento. Muitas vezes era necessário refletir sobre seus gestos e observações no contexto de seu próprio passado, o belo vínculo que ele desenvolveu com o povo mexicano e as influências sutis e variadas no pano de fundo da América Latina e da própria conferência. Desde o início da sua visita ao México, João Paulo II mostrou um grande sentido pastoral que se tornou aguçado e sensibilizado ainda mais durante sua permanência na conferência.

Doutrinariamente, desde o início de sua estada, e particularmente em sua homilia de abertura na Basílica de Guadalupe, João Paulo II deixou claro que Medellín seria o ponto de partida de Puebla, e que dez anos de experiência desde Medellín precisavam ser refletidos e respeitados. Suas observações teológicas tendiam a relacionar-se diretamente em graus variados com a realidade vivida da América Latina, enquanto suas observações sobre questões sociais atingiam diretamente o âmago das necessidades sociais daquele continente.

Especialmente na terceira parte de sua apresentação em Puebla, encontram-se os elementos de interesse teológico para o Santo Padre. Por um lado, ele temia uma divisão entre a Igreja institucional e a Igreja popular. O documento de Puebla claramente os unifica. Na prática pastoral, não parece haver qualquer problema quando a liderança oficial da Igreja alcança as bases para lhes dar apoio e orientação.

O papa também estava preocupado com a possibilidade de haver magistérios paralelos no continente latino no lugar da única autoridade suprema de ensino da Igreja para assuntos doutrinários. Mais uma vez, Puebla unifica essa questão da autoridade doutrinária do ensino. Pode-se imaginar aqui o que poderia ter sido a base da preocupação. Não seria o caso de se pensar que a Conferência Latino-Americana e Caribenha dos Religiosos, com seus próprios recursos teológicos achou por bem discernir o papel pastoral e particular dos religiosos naquele continente?

João Paulo II desaconselhou certas releituras de escrituras que poderiam levar a uma negação - ou pelo menos o silêncio - sobre a divindade de Cristo devido, pelo menos em parte, a uma ênfase demasiada em sua humanidade. Nas deliberações de Puebla e no próprio documento, essa preocupação é respeitada. Ao mesmo tempo, os christólogos latinos Jon Sobrino e Leonardo Boff continuaram a enfatizar o aspecto encarnacional e sofredor de Cristo na realidade pastoral daquele continente, tendo em mente o que João Paulo II havia dito.

No entanto, foi na área da teologia da libertação que João Paulo II fez sua mais forte contribuição doutrinária. Baseando-se fortemente em *Evangelii Nuntiandi*, ele insistiu que a teologia da libertação fosse fortemente enraizada nas escrituras e que incluísse todos os elementos da pessoa humana. Nesse contexto, o aspecto econômico, embora importante, é visto como um elemento entre outros. Os próprios teólogos da libertação concordaram com essas visões e estavam cientes de que essa disciplina jovem e importante tinha outras áreas para revisão e desenvolvimento, como *a espiritualidade da libertação*. Ao contrário de alguns relatórios publicados, o papa não condenou a teologia da libertação. De fato, ele contribuiu com observações necessárias para seu fortalecimento. Uma expressão de libertação na prática consiste na experiência vivida das comunidades eclesiais de base (CEBS). Por causa da importância dessas, nós retornaremos a elas em momento oportuno.

A influência social de João Paulo II no México foi um grande desafio. Isso possivelmente dá uma prévia do seu pontificado. Em vários lugares no México, começando com sua palestra em Oaxaca para os nativos, ele deixou transparecer sua solidariedade para com eles, reconhecendo que eles eram às vezes explorados e que tinham direito a uma ajuda eficaz. Ele se referiu aos obreiros (trabalhadores) em Guadalajara como seus companheiros e encorajou-os na defesa de seus próprios direitos. Em Monterrey, fez o mesmo e, de maneira particular, enfatizou a importância do tratamento correto dos emigrantes mexicanos para os Estados Unidos. Esses endereços sociais exigem uma leitura cuidadosa e também uma

aplicação a outras partes do mundo. Mostram a força e a experiência do próprio João Paulo II e refletem sua sensibilidade teológica para com as questões sociais.

Anteriormente, neste artigo, foi feita referência às diferentes mentalidades dos participantes do Episcopado de Puebla. O Papa João Paulo II fez um apelo à unidade entre eles, tendo em mente que os ensinamentos de Medellín deveriam ser considerados como dados. Antes de Puebla, existiam tensões relacionadas à teologia da libertação, à compreensão do papel das pequenas comunidades cristãs e até mesmo ao grau e tipo de autoridade que o próprio CELAM deveria ter sobre outras organizações da Igreja na América Latina.

O então secretário geral do CELAM e seu novo presidente, o bispo Lopez Trujillo, favoreceram uma voz central mais forte. Essa questão viria a ser uma causa de tensão nos próximos anos.

Medellín havia pedido o estabelecimento de pequenas comunidades cristãs para fortalecer os esforços pastorais das igrejas da América Latina¹⁰. Houve um aumento fenomenal no número desses grupos, e eles expressam um desejo cada vez maior de ser uma parte dinâmica de um processo consultivo no planejamento pastoral.¹¹ Nos anos entre Medellín e Puebla, as CEBs às vezes hesitavam devido à falta de um claro apoio da Igreja ou porque eram usadas para propósitos abertamente políticos. Puebla ficou fortemente atrás das CEBs, encorajou sua união ainda mais estreita com a Igreja e pediu que os líderes pastorais as levassem mais a sério. Essas pequenas comunidades levaram a um fortalecimento e diversidade de ministérios e certamente são a maior contribuição de Puebla à Igreja universal. À medida que crescerem, teremos um duplo fortalecimento no ministério: o do sacerdócio ou ministério de todas as pessoas e o do próprio sacerdócio ordenado.

¹⁰ No Sínodo romano de 1974, o então presidente do CELAM, Cardeal Pironio, caracterizava “comunidades ou grupos eclesiais básicos” como as “células primárias de todo o edifício eclesial, centros de evangelização e o fator mais importante do desenvolvimento humano” (Pro Mundi Vita).

¹¹ Estima-se que havia doze mil observações fornecidas pelas CEBs chilenas na preparação de Puebla.

Como se pode avaliar o futuro próximo da Igreja latino-americana em termos da experiência de Puebla? O CELAM é visto como organização de serviço para as conferências episcopais nacionais. A maneira pela qual esse serviço é realizado pode transformar as tensões em oportunidades de crescimento.

O documento de Puebla é aquele com o qual os líderes pastorais podem viver e crescer. Em uma declaração separada dos bispos, intitulada “Uma mensagem ao povo da América Latina”, os pontos fortes de Puebla estão resumidos: assume os princípios de Medellín; manifesta uma *opção preferencial* pelos pobres; desafia os líderes da América Latina a construir uma nova sociedade; finalmente, convida *todas* as pessoas a colaborarem seriamente para enfrentar as tarefas monumentais que a América Latina enfrenta hoje.

Puebla, então, pode ser vista como um passo adiante na América Latina, com as tensões e contradições inerentes que qualquer crescimento implica. A Igreja da América Latina estava voltando à vida!¹²

8 Santo Domingo (1992): um encontro controverso¹³

Na preparação para a Conferência de Santo Domingo, três participantes decidiram participar da reunião e trabalhar juntos: Padre Alfred Hennelly, S.J., da Fordham University, editor dos anais da conferência; Padre Edenterward Cleary, O.P., apresentador principal a conferência; e eu, um jornalista credenciado pela Universidade de Notre Dame.

Em Santo Domingo, alguns dos delegados – particularmente da Cúria Romana – apoiaram fortemente as mudanças metodológicas. Em particular, esses críticos eram contra o emprego do método ver-julgar-agir, empregado pelas reuniões anteriores do CELAM. Nomeados diretamente de Roma como

¹² O Arcebispo Marcos G. McGrath, CSC, fez uma palestra, “Impacto de Medellín e Puebla na Igreja na América Latina”, na Conferência de Medellín-Puebla na Universidade de Notre Dame em 15 de março de 1989. Uma cópia desta palestra pode ser encontrado na coleção Pelton na Biblioteca do Seminário Moreau, Notre Dame, IN (MCGRATH, 1989).

¹³ Mais informações sobre as experiências do Bispo McGrath e outros bispos no Conselho podem ser encontradas no livro de McGrath (MCGRATH, 2000).

copresidente da reunião, assim como co-secretário, eles foram o cardeal Sodano como copresidente e o cardeal Medina como co-secretário. O documento consultivo já preparado foi rejeitado pelo cardeal Medina. Quando o Padre Hennelly compartilhou seu "Relatório da Conferência", concordamos que era uma avaliação precisa da experiência. Nós republicamos aqui com permissão (HENNELLY, 1993, p. 24-36).

9 O Sínodo das Américas (1997)

Como a experiência da reunião do CELAM de Santo Domingo, em 1992, indicava um mau funcionamento desse encontro, o papa e alguns de seus assessores sentiam que a solução para os muitos problemas poderia ser alcançada através de um Sínodo para as Américas. Isso incluiria bispos de todas as Américas e seria realizado em Roma. Até mesmo o arcebispo Dom Luciano Mendes de Almeida, do Brasil, declarou que poderia se transformar em uma Magna Carta para a Igreja das Américas. Foi o arcebispo Dom Luciano Mendes junto com o bispo Marcos McGrath, CSC, do Panamá, que influenciou fortemente os esforços progressistas das conferências do CELAM de Medellín e Puebla. O arcebispo Dom Luciano Mendes continuou a dar contribuições positivas para o projeto no sínodo de 1997. No entanto, quando o sínodo estava começando, a saúde e a energia de McGrath estavam enfraquecendo.

Houve experiências de aprendizado no sínodo em Roma que poderiam influenciar um esclarecimento da missão da Igreja nas Américas. Minha própria experiência sinodal foi como jornalista credenciado. Eu também morei e compartilhei regularmente com uma pequena comunidade cristã dos Estados Unidos. Também tivemos algumas discussões durante o Sínodo com o arcebispo Oscar Rodriguez Mariaga, de Honduras, que foi de grande importância. Mais tarde veio a se tornar membro da equipe de cardeais que aconselha o Papa Francisco.

As preparações mais próximas incluíram a escolha do tema para o Sínodo, "O Encontro com o Jesus Cristo Vivo: O Caminho para a Conversão, Comunhão e

Solidariedade”. Isso culminou no esboço que, por sua vez, veio a se tornar no *Instrumentum Laboris* (o documento de trabalho) para o sínodo.

Os participantes sinodais retornaram a um processo consultivo. Este foi um passo positivo! A partir disso, desenvolveram-se os três temas especiais do sínodo: justiça econômica, solidariedade e evangelização. Isso implicaria nova evangelização, melhor colaboração e justiça econômica.

- **Justiça econômica:** Existiria uma opção preferencial contínua pelos pobres? O que deveria ser feito com o crescente desafio da liberalização econômica? Qual foi o papel do ensino social da Igreja à luz dessas questões? Qual foi o desafio da corrupção interna nos governos das Américas?
- **Solidariedade:** Isso foi fundamental, especialmente na crescente aceitação do ministério leigo e na forma das pequenas comunidades eclesiais emergentes. Houve também uma crescente conscientização dos direitos indígenas. Este respeito pelo papel apropriado dos indígenas continua na prática da Igreja. No entanto, ainda há muito a ser feito.
- **Evangelização:** Seguindo a teologia do Vaticano II, as reuniões pastorais latino-americanas até então haviam trabalhado arduamente para descobrir novos métodos de evangelização. Um desses métodos funcionou através de um aumento do ecumenismo. Isto foi e continua a ser um desafio na missão da Igreja.

10 Aparecida (2007): O Segundo Concílio de Jerusalém para a Igreja Latino-Americana

Como a saúde do Papa João Paulo II se tornou bastante frágil, se decidiu que a próxima reunião do CELAM deveria ser na América Latina. Finalmente Aparecida, Brasil, foi escolhida.¹⁴ Esta foi uma escolha abençoada!

¹⁴ Para mais informações sobre o CELAM V em Aparecida, veja Celam (2008) e Aparecida (2007).

Para os ministros pastorais que ficaram profundamente comovidos pelas conferências de Medellín e Puebla, a possibilidade de renovação desse espírito foi uma boa notícia! O cardeal Oscar Rodriguez Mariaga, de Honduras, seria um facilitador muito positivo dessa restauração.

Desejo citar aqui as observações iniciais de meu livro, *Aparecida: Quo Vadis?*:

Por haver participado do Concílio Vaticano II e em todas as conferências do CELAM desde o Vaticano II, como jornalista credenciado, tive o prazer de ser escolhido como um observador do CELAM V, V Conferência Geral dos Bispos da América Latina e do Caribe, realizada em Aparecida, Brasil, de 13 a 31 de maio de 2007. (PELTON, 2008, p. 25).

Significativamente, os bispos adotaram o método indutivo de discernimento “ver-julgar-agir”, que se mostrou proveitoso em Medellín e Puebla, enquanto a Conferência de Santo Domingo, em 1992, empregou uma metodologia dedutiva e mais teórica. O CELAM V endossou e expandiu inequivocamente três conceitos fundamentais da Igreja Católica latino-americana: a opção preferencial pelos pobres, as comunidades eclesiais de base (CEBs) e a oposição ao pecado estrutural no contexto moderno da globalização e dos modelos econômicos neoliberais. Isso foi feito de maneira esclarecida e colegiada, o que pode diminuir a controvérsia que às vezes se originou da má compreensão popular desses princípios.

Pequenas comunidades eclesiais receberam um endosso que ressaltou uma inclusão que sempre existiu na realidade, mas não foi universalmente percebida em termos de sua relação com a Igreja institucional. A “opção preferencial pelos pobres” foi ampliada em Aparecida para se tornar a “opção preferencial e evangelizadora dos pobres”, deixando claro que a opção não é apenas socioeconômica. Numa demonstração concreta da necessidade e potencial dessa opção preferencial e evangelizadora dos pobres, os bispos emitiram uma declaração aos líderes dos países do G-8, pedindo a eliminação da pobreza extrema de todas as nações do mundo antes de 2015, fazendo dessa meta “uma das tarefas mais urgentes do nosso tempo” e que é “inseparavelmente ligada à paz e segurança

mundiais”. Os bispos também criticaram a “agressão ambiental” contra a floresta amazônica, advertindo que a Amazônia - que reabastece grande parte do suprimento de oxigênio atmosférico do mundo, contém vinte por cento da água recém-descongelada do mundo e nutre trinta e quatro por cento das florestas do mundo - deixará de existir dentro de trinta anos se os padrões atuais de destruição corporativa e orientada para o lucro continuarem.

Muitos bispos mostraram grande preocupação com os desafios impostos pela globalização, a rápida urbanização, as mudanças de papéis da família e da juventude e a demanda por um diálogo real com as comunidades indígenas e afro-americanas - apesar da falta de ação concreta nessas áreas. Eles também reconheceram a necessidade de maiores papéis de tomada de decisão para as mulheres na Igreja e para maior clareza sobre os papéis do ministério e dos leigos.

O fato dos bispos estarem agora focalizando mais atenção nessas questões do que em qualquer outro momento da história do CELAM sugere seu profundo entendimento do alcance total de Medellín e Puebla e de sua crescente adaptação do mandato de promover a justiça social para atender às demandas das realidades presentes. O otimismo sobre a plena realização do Vaticano II foi forte na década de 1970, mas gradualmente retrocedeu em grande parte da América Latina, já que as nomeações episcopais do papa João Paulo II raramente desafiavam o status quo mantido pelos estados de segurança nacional daquela época.

Todos esses esforços foram influenciados pela apresentação dos “sinais dos tempos” pelo bispo Marcos McGrath em Medellín. A rapidez dessas mudanças, incluindo o secularismo e as mudanças socioeconômicas, avançou rapidamente.

Para entender melhor as mudanças, é importante não apenas estar consciente da rapidez da mudança, mas também recordar o objetivo conciliar anterior do CELAM. Com isso em mente, é útil observar as três recomendações do CELAM V e seu cumprimento hoje. O que segue foi extraído de *Aparecida: Quo Vadis?*

A opção preferencial pelos pobres (GUTIÉRREZ, 2008, p. 71-92):

- Há um chamado para discernir os sinais dos tempos no documento de Aparecida.
- Há uma reafirmação da opção preferencial pelos pobres e um compromisso com a justiça social.
- Uma metodologia indutiva deve ser usada para alcançar esses objetivos, ao contrário do Chile hoje, onde a opção pelos pobres é mais reconhecida na teoria do que na prática.

Comunidades eclesiais de base (MARINS, 2008, p. 93-99):

- Na época de Aparecida, essas comunidades ainda estavam vivas, mas no Chile hoje perderam a liderança.

Os desafios éticos da globalização secular e econômica (BARTELL, 2008, p. 101-112; ECHEVERRIA, 2008, p. 113-121):

- No Chile, hoje, experimentamos um impressionante desenvolvimento material, mas a que custo no que tange à cultura, aos costumes e à religião?
- A questão indígena no tocante aos índios mapuches no Chile está muito consciente da liderança pastoral chilena, mas isso exigirá ainda mais aprimoramento. Isto é especialmente verdadeiro à luz da nova liderança potencial do país.

Em sua história anterior, durante os anos finais do Vaticano II (1962-1965) e nos anos posteriores ao regime de Pinochet (1973-1990), a liderança da Igreja chilena mostrou forte liderança pastoral que conquistou o respeito dos principais líderes católicos. Durante a última sessão do Vaticano II em 1965, ao trabalhar com o Cardeal Suenens, tomei consciência das estreitas relações de trabalho entre os líderes eclesiais do cone sul da América Latina e os líderes eclesiais do norte da Europa: França com Congar, Bélgica com Suenens e com o corpo docente de Louvain, o alemão Rahner e outros. Esses especialistas se reuniam tão

regularmente durante e depois do Concílio que alguns se referiram ao grupo como o “Conselho de Louvain”.

Fui pela primeira vez ao Chile em 1964. Em 1965, fui convidado pelo Cardeal Suenens para assumir uma função consultiva. Em março de 1966, fui nomeado pelo Cardeal Silva como Vigário Episcopal dos Institutos Religiosos da Arquidiocese de Santiago, Chile. Essa nomeação durou até 1972, quando fui chamado de volta aos Estados Unidos. Este foi um momento de ouro da Igreja chilena. Foi uma honra e privilégio fazer parte desse período histórico.

11 O futuro da Igreja Católica chilena: um roteiro para o futuro

A quinta Conferência Geral de Aparecida provou ser bem-sucedida e mostrou que a Igreja institucional é capaz de operar em nível regional, e ao mesmo tempo manter uma relação construtiva com Roma.

No entanto, quando os chilenos avançaram, algo ameaçador estava acontecendo: os chilenos começavam a perder seu fogo espiritual especial. Por que isso estava acontecendo? Teriam se exaurido após sua corajosa resistência à ditadura? A qualidade e o estilo da liderança da Igreja mudaram desde a Conferência de Aparecida? Qual foi o papel dos leigos cristãos à luz do Concílio? Como eu disse no final da Conferência de Aparecida: Para onde vocês estão indo? No entanto, quando os chilenos avançaram, algo ameaçador estava acontecendo: os chilenos começavam a perder seu fogo espiritual especial. Por que isso acontecia? Teriam se exaurido após sua corajosa resistência à ditadura? A qualidade e o estilo da liderança da Igreja mudaram desde Aparecida? Qual foi o papel dos leigos cristãos à luz do Concílio? Como eu disse no final de Aparecida: Para onde vocês estão indo?

Além disso, o que teria acontecido com o sólido trabalho profissional da COPACHI (Comitê de Cooperação para a paz no Chile) que mais tarde viria a publicar o estudo Ford, um estudo da Universidade de Notre Dame sobre direitos

humanos que teve influência em todo o mundo, especialmente na África do Sul e na Guatemala?

12 O fator Congar

No início deste artigo, nos referimos à influência da teologia de Yves Congar, O.P., no que diz respeito ao aumento da compreensão do papel dos leigos no desenvolvimento inicial da Ação Católica. Existe alguma evidência de que isso realmente ocorreu no caso do Chile, da Guatemala e de outros países da América Latina?

Depois de Aparecida, havia outros desafios a serem enfrentados. Isso era verdade não apenas para o Chile, mas também para outras Igrejas pós-Vaticano II na América Latina.

Devemos retornar ao CELAM II - a conferência dinâmica em Medellín. Naquela época, o bispo Marcos McGrath, C.S.C., no discurso de abertura, havia previsto os “sinais dos tempos”:

- 1) a rapidez da mudança que deveria ocorrer na Igreja da América Latina,
- 2) o aumento acentuado do secularismo na Igreja latino-americana, e
- 3) o globalismo econômico que provavelmente ocorreria.

Evidências demonstram que elas estão de fato ocorrendo.

Há também a importante contribuição de Medellín para o desafio da *violência institucionalizada*. Este é um passo para além da violência pessoal que pode incluir preocupações com os negócios, partidos políticos e até mesmo grupos religiosos. Outra maneira possível de expressar isso seria tematizar a diferença entre pecado pessoal e social. Instituições podem pecar socialmente.

Agora se faz mister o retorno ao roteiro de janeiro de 2018, que inclui a desafiadora visita do Papa Francisco ao Chile. A imprensa internacional estava ciente do escândalo que aguardava a visita do Papa Francisco. Tinha a ver com o procedimento questionado de nomear o Ordinário local de Osorno, no sul do Chile.

Em seu comunicado de imprensa de 26 de fevereiro de 2018, Robert Mickens, um jornalista do Vaticano, afirmou que a decisão de nomear Juan Barros como bispo de Osorno, no Chile, foi fortemente criticada por vários leigos e bispos chilenos. Os críticos afirmavam especialmente que as vozes dos leigos não foram ouvidas. O cardeal Sean O'Malley, de Boston, declarou publicamente que nesse caso não houve lisura de processo. Consequentemente, o papa Francisco nomeou o arcebispo Charles Scicluna de Malta para estudar os detalhes da crítica atual e depois fazer sua recomendação. A partir deste estudo, o jornalista Mickens acredita pessoalmente que o Bispo Barros será obrigado a renunciar ao bispado de Osorno, Chile. Ele também está convencido de que as “pegadas” dos dois prelados Sodano e Medina podem aparecer na atual revisão desta importante questão.

Os “protetores da instituição” estão perdendo influência. Em vista dessa probabilidade, o que parece ser uma agenda apropriada para a Igreja Católica do Chile e o CELAM?

- Discernir cuidadosamente o papel dos leigos na Igreja de acordo com a teologia dos leigos, conforme apresentado por Yves Congar, O.P., o eclesiologista especial do Concílio Vaticano II.
- Determinar por que o papel das pequenas comunidades cristãs diminuiu radicalmente na Igreja chilena, em contraste com as outras Igrejas católicas da América Latina.
- Orar e refletir para determinar as razões do rompimento entre o desenvolvimento de sua rica comunidade e sua ênfase atual no sucesso material individual.

Conclusão

À luz do que se discutiu neste artigo, seguem mais duas questões a serem consideradas:

1. Aparecida: *Quo Vadis?*: Como suas recomendações devem ser aplicadas agora?
2. É este o momento de apoiar o estudo da clara proposta da historiadora italiana Silvia Scatena: o CELAM poderia ser a “lição” de uma experiência regional na busca de formas e estilos de colegialidade efetiva? Isso pode ser um convite aos líderes pastorais latino-americanos para acolher aqueles que têm outras ferramentas para buscar formas de colegialidade efetiva na perspectiva de construir uma comunhão de igrejas regionais (SCATENA, 2017, p. 266-288; FAGGIOLI, 2018).

Vamos agora caminhar juntos na construção de uma ponte com a Igreja chilena e as outras Igrejas latino-americanas. E quando, pela primeira vez em nossa história, temos um papa latino-americano, e no ano do 50º aniversário da Conferência de Medellín, é muito oportuno considerar a ideia da “teologia da ponte” e seu papel na ação pastoral da Igreja Católica, não só na América Latina, mas em todos os lugares.

REFERÊNCIAS

- Aparecida:** Documento Conclusivo. Bogotá: Consejo Episcopal Latino-americano, CELAM, 2007.
- BARTELL, Ernest, C.S.C. Aparecida and Global Markets. In: PELTON, Robert S. (Ed.). **Aparecida: Quo Vadis?** Scranton. PA: University of Scranton Press, 2008. p. 101–112.
- CELAM, Secretaría General del. **Testigos de Aparecida.** Bogotá: Consejo Episcopal Latino-americano - CELAM, 2008.
- CONGAR, Yves. **Jalons pour une théologie du laïcat.** Paris: Éditions du Cerf, 1953. [Reprinted in English as **Lay People in the Church.** London: Bloomsbury, 1957].
- EAGLESON, John; SCHARPER, Philip (Ed.). **Puebla and Beyond.** Translation: John Drury. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1979.
- EICHEVERRIA, Javier Maria Iguñiz. Globalization and Economics at Aparecida. In: PELTON, Robert S. (Ed.). **Aparecida: Quo Vadis?** Scranton. PA: University of Scranton Press, 2008. p. 113–121.
- El Pacto de las Catacumbas.** Pelton Collection, Moreau Seminary Library, Notre Dame, IN.
- FAGGIOLI, Massimo. Lost in Transition: Francis, Benedict XVI, the Unfinished Conclave. **Commonweal Magazine** website, 3 April 2018. Available at: <<https://www.commonwealmagazine.org/lost-transition>>. Accessed on: 17 June 2018.
- GUTIÉRREZ, Gustavo, O.P. The Preferential Option for the Poor at Aparecida. In: PELTON, Robert S. (Ed.). **Aparecida: Quo Vadis?** Scranton. PA: University of Scranton Press, 2008. p. 71–92.
- HENNELLY, Alfred T., S. J. A Report from the Conference. In: HENNELLY, Alfred T. (Ed.) **Santo Domingo and Beyond: documents & commentaries from the historic meeting of the latin american bishops' conference.** Maryknoll, NY: Orbis Books, 1993. p. 24–36.
- HURTEAU, Robert. **A Worldwide Heart: the life of father john j. Considine.** Maryknoll, NY: Orbis Books, 2013.
- LUCIANI, Rafael. **Pope Francis and the Theology of the People.** Maryknoll, NY: Orbis Books, 2017.
- MARINS, Jose. Base Communities, a Return to Inductive Methodology. In: PELTON, Robert S. (Ed.). **Aparecida: Quo Vadis?** Scranton. PA: University of Scranton Press, 2008. p. 93–99.

MCGRATH, Archbishop Marcos G. **Mensaje Magazine**, special issue on Vatican II, Chile, 1976.

MCGRATH, Archbishop Marcos G., C.S.C. Impact of Medellín and Puebla on the Church in Latin America. **Medellín-Puebla Conference at the University of Notre Dame**, 15 March 1989. Pelton Collection, Moreau Seminary Library, Notre Dame, IN.

MCGRATH, Monseñor Marcos G., C.S.C. **Cómo vi y viví el Concilio y el Postconcilio: el testimonio de los Padres Conciliares de América Latina**. Bogotá: CELAM-Paulinas, 2000.

PELTON, Robert S. Medellín and Puebla: Dead or Alive in the 21st Century Catholic Church? In: PELTON, Robert S. (Ed.). **Aparecida: Quo Vadis?** Scranton, PA: University of Scranton Press, 2008. p. 25.

Pro Mundi Vita. Bulletin from Rome, 62.

ROURKE, Thomas R. **The Roots of Pope Francis's Social and Political Thought: from argentina to the vatican**. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2016.

SCATENA, Silvia. From Medellín to Aparecida. In: SPADERO, Antonio, S.J.; GALLI, Carlos María (Ed.). **For a Missionary Reform of the Church: the "civiltà cattolica" seminar**. Mahwah, NJ: Paulist Press, 2017. p. 266–288.